

trar esquematizações sempre novas e cada vez mais grandiosas da existência inteira, até que, de novo, pelo ano de 1860 e, desta vez, na Inglaterra, a voz dum romântico tardio se levante contra a era técnica.

John Ruskin, irritado, fala, nos seus escritos, de despedaçamento e esquarteramento do homem. Como Adão Mueller, acusa a civilização industrial de "deixar apenas subsistir fragmentos minúsculos da vida".

Secundado pelos membros da "escola pre-rafaelista", por Dante Gabriel Rossetti, Edward Burne-Jones e Walter Crane, o discípulo de Ruskin, William Morris organiza, "no isolamento idílico de Merton Abbey, em meio de prados viçosos e entre árvores umbrosas", oficinas para a tecelagem da sêda, da lã e de gobelins, nas quais não haveria divisão alguma do trabalho.

Infelizmente, no momento em que isto sucedia, já os homens acreditavam tão incondicionalmente nas virtudes salvadoras da máquina, que acolheram os livros de Ruskin com uma hostilidade exasperada. Levantou-se tal "tempestade de indignação", que o editor de Ruskin, temendo ser espancado, já não se atreveu, por fim, a continuar a publicação de suas obras, as quais, aliás, os contemporâneos qualificavam de "refugo".

Tanto mais que, quando Ruskin, por ocasião de seu tardio movimento romântico, se revoltara contra a mecanização do mundo, já se tinha cumprido o novo destino do homem que o arrancara ao seu crescimento orgânico, o obrigara a desempenhar funções estranhas a sua natureza e o forçara a subordinar a finalidades racionais seus instintos naturais genuinamente inclinados a criações e formas caprichosas, e fizera represar suas fôrças acumulando-as em unidades comensuráveis de aproveitamento, em vez de expandí-las livremente.

Esse processo fatal de deshumanização e desnaturalização caminhava para seu definitivo acabamento com uma irresistibilidade cósmica. Mais e mais se diluíam as formas primitivas homogêneas oriundas do nascimento, da estirpe e do parentesco, da comunidade geográfica, da origem racial e da situação histórica. Substituíam-se lhes classificações racionais, anorgânicas, utilitárias e organizadas consoante estatutos e decisões majoritárias. Onde povos haviam crescido de acôrdo com o seu "gênio", onde Estados haviam surgido como imagens terrenas de idéias platônicas, aglomeravam-se, agora, homens-átomos para formar moléculas sociais, ora menores, ora maiores, "agregados" e "massas", cuja forma já não constituía senão um número e cuja idéia comum já não era senão o interesse racionalmente compreendido dentro da mesma associação, sistematicamente planejada, dentro da mesma classe, dentro da mesma "soma redonda".

A êsse destino do "grande número", tinha de conformar-se cada unidade dentro da soma total, visto que a vida do indivíduo, em tôdas



Gandhi falando.